

Phaelante da Camara

A' generosidade captivante destes brilhantes espiritos, que se chamam Oliveira Lima, Pereira Alves, Carlos Porto Carreiro, Manoel Arão, França Pereira, Henrique Capitolino, Edwiges de Sá Pereira, Mario Melo, Layette Lemos, Pereira da Costa, Mario Sette e Zeferino Galvão, devo, ha quasi meio lustro e 4 mezes, a minha eleição de membro da illustre Academia Pernambucana de Lettras, para occupar a cadeira de Phaelante da Camara.

E' com o intuito de dar-vos vulto ao meu reconhecimento que lhes destaquei os nomes, extrahidos daquelle patrimonio intellectual, cujo fim consiste em perpetuar as tradições da litteratura pernambucana. Se eu me não desviasse da praxe seguida nesses centros de forças mentaes e não viesse, de algum modo, infringir as regras protocollares, tomaria o partido de synthetisar esta allocução em tres pa-

lavras de agradecimento, destinadas á resposta do presidente em quatro, á semelhança da fórmula ideal de Piron, de modo que toda gente descobrisse maravilhoso encanto no *muito obrigado* do academico e na phrase *não ha de que* do presidente.

Mas do sorriso ironico do auditorio, como se nos encontrassemos, presentemente, na situação de Alexandre Magno dentro da officina de Apelles, sem pretensões a conhecimento de pintura, é que tenho naturaes motivos para me arreceiar nesta hora. Bem poderia ampararme na indulgencia de meus pares para seguir o exemplo de Anatole France que, em memoravel sessão, realizada em Stockolmo, como homenagem aos laureados e em presença do rei, ministros de Estado, diplomatas e representantes de diversas nações, recebeu e agradeceu o premio Nobel em ligeirissimo discurso de tres minutos.

O grande escriptor francez, que o *Excelsior* classificou de adorador de Lenine, e cujas opiniões, sobre arte, já se acham publicadas por iniciativa de Paul Gsell, ha perto de tres annos, num livro encantador, com o mesmo interesse que o fez recolher, anteriormente, as de Rodin, assegurou categoricamente que os academicos, em sua maioria, se não dão ao trabalho de lêr as obras dos candidatos a um premio ou a um *fauteuil*.

Em interessantes *Bilhetes de Paris*, publicados no jornal mais antigo em circulação na America latina, escriptor elegante, modestamente occulto sob o pseudonymo de X, assim se expressou: "O duque de Broglie votou por

Leconte de Lisle, porque o acreditava um poeta christão. Um dia, na sessão do Diccionario, no tempo que ia ainda á Academia, Anatole mystificou o seu confrade Henri de Bornier, falando-lhe ao ouvido do anel de Hans Carvel, tendo, assim, a prova de que o auctor da *Fille de Roland* não lêra o *Pantagruel*. Louise Colet pediu a Flaubert e a Bouillet de lhe confeccionarem uma peça em verso para o concurso da Academia. Elles recopiaram duzentos versos de Lamartine com os quaes a peça obteve o premio, graças á protecção de Victor Cousin. Como ninguem os lesse, não se desconfiou do logro”.

Felizmente não se verificou jámais a mesma coisa na Academia Pernambucana de Letras, em cujo programma está, visceralmente, escripto que não é a immortalidade, na phrase de França Pereira, o tosão de oiro que espera o artista ao entrar nesta casa, trazendo lá de fora as palmas virentes do triumpho.

Snrs. Academicos, obediente ás exigencias regimentaes, aqui me acho para render, nesta solemnidade imponente a que me não pude furtar, duplo culto á tradição da Academia e á memoria do inesquecivel patricio que foi o Dr. Francisco Phaelante da Camara Lima.

Na historia dos hellenos e dos latinos, nas velhas regiões gregas e romanas, o culto dos mortos foi sempre a religião dos lares, em cujas portas de entrada dormiam o somno definitivo os ascendentes, para que os successores os não olvidassem nas relações da vida.

Em paginas repassadas de dôr e de angustia disse Coêlho Netto que é na saudade dos vi-

vos que os mortos se eternisam e della é que continuam a viver.

Sou dos que entendem, como Carlos Malheiro Dias, que chamar os grandes mortos dos tumulos é avivar com a flamma dos seus exemplos o patrimonio moral da nação.

Com Phaelante da Camara privei na intimidade e delle direi o que ordena a justiça para me não arrastar pelo sentimento da amizade que poderia sacrificar a verdade pela lisonja.

A sua morte causou-me grande desolação e echoou, dolorosamente, dentro de minha alma e em todos os recantos de Pernambuco.

Noticiando-a, escrevi então, a 30 de Janeiro de 1909, no *Correio do Recife*, entre outras, as phrases seguintes: "Desappareceu um dos grandes combatentes daquella legendaria geração republicana, que trabalhou ao lado de Martins Junior, para incrementar a politica brasileira, com a pureza dos seus ideaes e o entusiasmo de sua mocidade.

Parece que se apagou uma das luzes, que ardem no mundo do pensamento, quando se extingue um homem, como Phaelante, que, se soube ser grande pelo talento e pela sua vastissima illustração e cultura juridica, foi maior ainda pelo seu coração e pela rigidez do seu character.

Mas o lampejo apagado desse astro, que illuminou a Escola Juridica do Recife de modo admiravel e deslumbrante, caminhará em busca do seu logar nas paginas da historia no seio da paz. Possuidor de predicados excepcionaes, o saudoso morto mostrou sempre que foi uma intelligencia polymorphica.

Não foi somente na poesia, mas também no direito, na philosophia, na critica, na tribuna popular e no jornalismo, que o seu espirito privilegiado descortinou novos horizontes.”

Desse modo pensava eu e me manifestei ha 15 annos passados, quando o meu infortunado amigo de cujos negocios era eu procurador, me escrevia do Rio, dois mezes antes do seu fallecimento, cartas que traduziam a desesperança de viver e as preoccupações do futuro dos seus filhos. Assim me dizia elle, em missiva de 6 de Novembro de 1908: “Continuo muito doente na Casa de Saude do Dr. Eiras. Não sei se ficarei bom, pelo que julgo prudente dar-lhe sciencia de que sou associado da Previdente Pernambucana e das Cooperativas dos Funcionarios Publicos e da Faculdade. Nesta ultima devo algumas mensalidades, pelo que lhe peço de providenciar no sentido de ser satisfeito o pagamento, para salvaguarda dos interesses de meus filhos. Espero de sua amizade que V. fará tudo que fôr preciso para que meus filhos não fiquem no desamparo”.

Ainda em outra carta, escripta a 19 do mesmo mez, me declarava: “Estou vendo por um oculo as melhoras annunciadas para os jornaes dahi em telegrammas. Cada dia essas decantadas melhoras vão me approximando mais do *S. João Baptista*, que é o mais proximo. Não sei se V. me entende. Não posso mais. Preso ao leito, ha longos dias, faço um grande esforço para lhe dirigir estas linhas”.

Phaelante da Camara nasceu no engenho *Jussara*, sito no municipio de Jaboatão, deste

Estado, a 25 de Outubro de 1862, tendo por genitores o major Antonio Pereira da Camara Lima e D. Maria Maranhão da Camara Lima.

Fez brilhante curso de humanidades, tendo-se distinguido no seu tirocinio academico. Recebeu o gráu de Bacharel em sciencias juridicas e sociaes, a 7 de Novembro de 1855, e foi escolhido orador pelos seus companheiros de turma para discursar na solemnidade. Eleito deputado provincial, no biennio de 1888 a 1889, destacou-se entre seus pares pelo talento, não deixando de tomar parte saliente nas discussões e votações dos projectos de leis de mais importancia.

Com o advento do novo regimen politico, em prol do qual se bateu na collaboração da *Republica*, órgão do Club Republicano, mantido por Martins Junior, Pereira Simões, Gonçalves Chaves e outros, foi pelo partido autonomista, do qual era membro proeminente, investido no cargo de delegado de policia da Capital.

Lente substituto da Faculdade de Direito do Recife, foi nomeado a 14 de Janeiro de 1895 cathedratico da 1ª cadeira, da 2ª serie do curso de notariado, na vaga do Dr. Portella Junior, tendo tomado posse a 12 de Fevereiro do mesmo anno.

Com a extincção de sua cadeira, foi nomeado por Decreto de 7 de Fevereiro de 1896 para a 2ª cadeira de Direito Criminal, então recentemente creada.

No jornalismo Phaelante da Camara manifestou uma das melhores feições do seu grande talento.

Não fazia o jornal á americana com demonstrações de escandalo, mas considerava-o como um expositor de idéas, de principios, de factos e um órgão doutrinario e de suggestões para esclarecimento e direcção da opinião publica.

Collaborou em 1883 no *Ceará Livre*, jornal do Club desse nome, do qual foi orador .

Redactor da *Folha do Norte*, trabalhou sob a direcção de Martins Junior com inexcédível dedicação e patriotismo, tratando de assumptos transcendentés e discutindo theses de grande valia.

Collaborador do *Jornal do Recife*, a pedido de José de Vasconcellos, escreveu, entre outros, uma serie de magistraes artigos a respeito da instrucção publica brazileira, em comparação com a franceza, allemã, belga, ingleza, americana e argentina, tendo-se collocado em evidencia, anteriormente, com a publicação de artigos admiraveis sob a assignatura de Lincoln, em defesa do minsterio Souza Dantas e da propaganda abolicionista em effervescencia, pelo verbo eloquente de Joaquim Nabuco e pela accção tribunicia de José Marianno.

Redigiu a *Revista das Artes*, da qual foi fundador o Major Paula Mafra, tendo figurado, tambem, no corpo redaccional Tobias Barreto, Affonso Olindense e Souza Pinto.

Foi collaborador na *Revista do Norte* e na *Contemporanea* com publicações constantes de artigos vasados em assumptos de relevancia para o momento.

Ainda estudante do 5º anno da Faculdade fazia parte da redacção da *A Provincia*, na sua

segunda phase com Ullysses Vianna, Lopes Machado e outros jornalistas de escol.

Fundador da *Lanceta*, poucos dias depois do advento da Republica, a 11 de Dezembro de 1889, dirigiu esse jornalzinho satyrico, com extraordinario desassombro e coragem durante um anno num tom ironico, criticando, censurando, atacando maldades e delictos e ferindo com o ridiculo defeitos e vicios dos adversarios.

Muita gente fina deu gemidos na ponta do estylete cortante da *Lanceta*.

Em 1899, quando não pertencia mais á redacção da *A Provincia* desde o anno anterior, fundou a *Concentração*, de cujo corpo redaccional fizeram parte Arthur Orlando, Adelino Filho, Gervasio Fioravanti, Tito Rosas, Souza Pinto e Arthur de Albuquerque.

Da *Cidade do Rio*, que José do Patrocínio dirigiu com brilhantismo, independencia e altivez, foi collaborador frequente, no momento em que se encontrou em 1897 na Capital do paiz.

Phaelante da Camara foi um jornalista aureolado de gloria e um combatente que soube collocar-se na altura da heroica geração do seu tempo, agindo com a firmeza de seus ideaes, sem conhecer obstaculos nem desanimo. A sua acção jornalística equalou-se á sua acção litteraria e politica, e o seu superior espirito des-cortinou novos horizontes na poesia, na philosophia, na litteratura, na politica, na critica, e especialmente no direito e no jornalismo, sem que cahisse varado pelos baldões dos apupados da verdade, e aquinhoou, grandemente, as

theorias do pensador na distribuição da influencia social.

Fazendo a necrologia de Sainte Beuve, escreveu Scherer: "A morte de um homem, como Sainte Beuve, produz dois effeitos. O primeiro é engrandecel-o; não existe mais e de um momento para outro nos tornamos posteridade para elle; apparece-nos como um ser um pouco elevado, acima desta humanidade, com a qual nada mais tem de commum. O segundo effeito é a impressão de tristeza, que se sente sempre, vendo acabar alguma coisa de memoravel".

Dir-se-ia que o illustre escriptor manifestára semelhante conceito para ser applicado aquelle, cuja existencia rememoro neste momento sob a dolorosa impressão da saudade.

Phaelante da Camara pertencia á familia intellectual dos Flaubert, de quem disse Sainte Beuve, sem intuito pejorativo, ser *un trop gros monsieur*, e levou a sua vida agitada e trabalhosa a compor livros que o tornaram immortal e documentaram a fecundidade do seu talento.

No estudo e na pesquisa dessa materia prima indispensavel, com a qual plasmou as suas produções intellectuaes, encontrava o seu maior encanto e jámais estudou por disputa de premios nem de distincções.

Nos *meetings* academicos, nos comicios populares em prol da Republica e da propaganda abolicionista, no jornalismo e na tribuna poz logo em destaque as qualidades varonis do seu elevado espirito, numa linguagem cheia de chiste, ironia e satyra, afastada do caminho do desaforo e da injuria.

Foi um festejado poeta e um *conteur* maravilhoso do feitio de Rudyard Kipling, nessa época de 1881 a 1890, de extraordinario movimento litterario, social e politico, em que se destacaram na Academia as figuras de Arthur Orlando, Martins Junior, Clovis Bevilaqua, Cyridião Durval, Anizio de Abreu, Hygino Cunha, Gervasio Fioravanti, Julio Pires, Galduino Lorêto, Samuel Martins, Lycurgo Pamplona, Viveiros de Castro, (Francisco José e Augusto), Justiniano de Serpa, Euclides Quinteiro, João Candido Gomes da Silva, Bianor de Medeiros, Antonio Joaquim de Albuquerque Mello, Pardal Mallet, Henrique Martins, Nilo Peçanha, Epitacio Pessôa, Arlindo Leone, Virginio Marques, Acauã Ribeiro, Alcedo Marrocos, Gonçalves Maia, Cacaceno Henriques, Methodio Maranhão, Manoel Cicero, Manoel Villaboim, Alfredo Pinto, Claudino dos Santos, Fernando de Castro, Graça Aranha, Castro Pinto, Gumercindo Bessa, Landelino Camara, Vergne de Abreu, Trajano de Mendonça, Olintho Victor, Rodolpho Araujo, Antonio Pedro das Neves, Pedro Celso, Coelho Lisboa, João Souza Bandeira, Manoel Henriques, Methodio Maranhão, Manoel Cicero, Maso, José Soriano Filho, Homero Baptista, Sá Antunes, Carlos Porto Carreiro, Manoel dos Passos de Oliveira Telles, Hosanah de Oliveira, Germano Hasslocher, João Elysio, Hersilio de Souza, Luiz Domingues, Barros Cassal, Felinto Bastos, Adelino Filho, Benedicto Leite, Urbano Santos, Carvalho de Mendonça, (José Xavier), Alfredo Varella, Esmeraldino Ban-

deira, Abelardo Lobo, Mario Amorim e muitos outros.

Phaelante da Camara, nos seus enthusiasmos juvenis, publicou varios livros de versos, que são *Os Tentamens*, *As Verdades ao sol*, *Os Electricos* e o *Rei Suicida*, representando as idéas, os costumes e as preferencias litterarias do seu tempo.

Longe estava de o comprehender á maneira de Carlyle, para quem o verso, como vehiculo do pensamento e do sentimento sincero, é uma coisa do passado.

O poeta "não é um resto da humanidade primitiva", mas considera-se, na phrase ponderada de Victor Hugo, um ser sublime, como um enviado de Deus na terra para interpretar entre os homens todas as vozes do infinito.

Phaelante da Camara, por isso mesmo que possuiu, em elevado grau, o amor da sua arte de poeta, escriptor e critico, manteve sempre a independencia do seu espirito e soube em tons proprios apurar a linguagem e manifestar idéas novas com a mais nitida visão do futuro e encaminhar-se com a unção de cientista.

Ainda no começo da sua vida espiritual publicou, tambem, outras producções litterarias de valor, como uma conferencia sobre a *Lucta pela vida* de Darwin e outra sobre Victor Hugo, logo depois de decorridos oito dias da sua morte.

Quando conseguiu abrir um interregno ás luctas da imprensa com o fim de estudar e trabalhar no remanso do seu gabinete, deu á publicidade dois livros notaveis, que fizeram successo entre os intellectuaes e estudiosos,

Esses livros, escriptos com extraordinario esmero e apreciaveis pelo seu merito scientifico, litterario, historico e critico, são *O Duello e O Infanticidio*, editados pela *Livraria Magalhães*, da Bahia, e *Memoria Historica da Faculdade de Direito do Recife*, glorificaram o seu auctor e conquistaram applausos geraes do paiz.

As duas monographias, que se occupam de assumptos palpitantes e de grande vantagem para o Direito Penal, foram prefaciadas por Clovis Bevilacqua, que sobre ellas se expressou com a segurança de jurisconsulto e de philosopho: "Mas, se, no *Duello*, se volve mais para a acção social do instituto, no *Infanticidio*, prende-se, de preferencia, ás formulas imaginadas pelos legisladores e aos conceitos elaborados pelos auctores. Esta circumstancia modifica-lhes a feição. A primeira é um trecho de sociologia penal, a segunda uma bem deduzida dissertação juridica; a primeira mostra mais largueza e mais energia de concepção, a segunda é mais precisa e mais pratica. Ambas são productos de um espirito em que as idéas alheias penetram para nutril-o, volvendo, depois, ao mundo intellectual, transformadas e enriquecidas".

Por todas essas considerações é que o preclaro codificador brasileiro observou com esta franqueza caracteristica do seu elevado espirito critico e do seu character adamantino: "Em Phaelante estavamos acostumados a apreciar o estylo imaginoso, onde as associações de idéas surprehendem pelo imprevisto e pela opulencia, onde a phrase brilha animada e clara e

onde os termos cantam ou estalam, têm caricias ou dardos, segundo as occasiões. Agora, o seu espirito, robustecido pelo estudo e pela meditação vae revelando qualidades de maior resistencia. Não quero para comprovar a minha affirmação outro argumento além do que nos dão estas monographias em seu conjuncto, e particularmente este ensaio de psychologia collectiva, sem duvida a fórma em que a sciencia d'alma offerece maiores difficuldades”.

Essas observações são profundas e exactissimas. Não se pode dizer mais nem melhor a respeito das duas monographias, onde a tonalidade predominante é a manifestação critica do seu auctor.

Fóra dos moldes communs, a *Memoria Historica*, que é uma obra de incontestavel valor artistico pela correcção de seu estylo, dividiu as etapas do progresso do curso juridico em quatro periodos, de conformidade com as reformas do ensino e em dois debaixo do ponto de vista psychologico: da criação á entrada de Tobias Barreto na escola e dahi até aos nossos dias.

Della me occupei no *Correio do Recife*, em suas edições de 10 e 14 de Maio de 1904, escrevendo neste tom sincero e verdadeiro: “Não conhecemos, desde a fundação do curso juridico de Olinda até á actualidade, nenhuma memoria historica que acompanhasse, como fez o seu talentoso auctor, a vida da Faculdade de Direito, ora comparando a velha capital pernambucana á Coimbra, donde vieram os seus habitos e seus costumes, ora fazendo um estu-

do dos lentes actuaes, que leccionaram no anno passado e retirando do pó do esquecimento vultos, que deviam attestar a sua passagem pela Academia.

Teve logar perante a congregação dos lentes a leitura das outras partes da luminosa *Memoria Historica* do illustrado Dr. Phaelante da Camara, que num estylo ameno e altamente litterario se referiu á directoria, secretaria, bibliotheca e cooperativa da Faculdade, seguindo neste original trabalho o methodo comparativo com o qual conseguiu a elaboração de um livro preciosissimo, que abrange, para dizer tudo em poucas palavras, a vida de nossa Academia, desde a sua fundação em Olinda, em 1827, até aos nossos dias. Incontestavelmente o operoso poeta e jurista, litterato e philosopho prestou um assignalado serviço á historia da Faculdade do Recife, enriquecida de factos que lhe interessam sobremodo. Finda a leitura da *Memoria Historica*, o illustre Dr. Phaelante da Camara foi cumprimentado e abraçado de modo particular pelos seus dignos collegas.

Felicitemos o talentoso pernambucano por essa fecundidade do seu espirito, mas felicitamos, igualmente, a Faculdade de Direito por haver recebido, actualmente, de um de seus membros um trabalho, que a honra e vem supprir lacunas e mostrar perante a historia o merito e o valor de lentes, que não existem mais.

Até hoje a *Memoria Historica* do Dr. Phaelante occupará o primeiro plano, entre as outras, dos institutos de ensino superior do

paiz, cabendo o segundo logar á do Dr. Anselmo da Fonseca, illustre lente aposentado da Faculdade de Medicina da Bahia”.

Louvando o cuidado de Phaelante da Camara em imprimir alguns de seus trabalhos, sob a forma duravel de livro, ponderou Raul Azedo: “Assim vieram successivamente a lume *A Memoria Historica da Faculdade de Direito*, em 1903, *O Duello e O Infanticidio*, em 1904, *Maciel Monteiro*, em 1905, obras de vulto que por ahi andam mundo afóra exalçadas nos encomios de quantos se entendem em julgar de estudos apurada e fartamente eruditos entretecidos em fórma de primoroso lavor.

Ha em Phaelante excesso de força, de vitalidade de seiva.

Quando a vegetação é luxuriante e entrelaçada, escreve Taine, é que o sólo é muito profundo e muito rico”.

Dando mais outras demonstrações da pujança da imaginação e da prodigiosa riqueza das associações de suas idéas, Phaelante da Camara publicou, além do *Maciel Monteiro*, as *Orações Civicas e Litterarias*, nas quaes se acham comprehendidos dez importantes discursos e cinco magnificas conferencias, sob a orientação de trabalhos dos historiadores, sociologos, philosophos, psychologos e biologistas.

Depois de analysar e estudar sob diversos aspectos a personalidade de Maciel Monteiro que passou á posteridade nimbado por grande halo de sympathia, como poeta, parlamentar, diplomata, medico, director do curso juridico

de Olinda, orador, jornalista, Phaelante da Camara compoz em portuguez de lei estas phrases saturadas de vibratil emotividade: "A voz do parlamentar ter-se-ia perdido na voragem da eternidade; os europeis do embaixador teriam desaparecido sob o pó dos tempos; os dons pessoas do homem de Côrte teriam ido arrastados na onda empolgante do Lethes; a coroa de Barão de Itamaracá, com os fóros de grandeza, os soberbos *crachás* representando o officialato do cruzeiro, a grande dignitaria da Rosa, as grans cruces de Christo, de Portugal e S. Gregorio Magno, dos Estados pontificios, uma das ordens heraldicas da Suecia; todos esses pequenos e grandes tributos á vaidade humana teriam sido marcados pela ferrugem devoradora do silencio perpertuo, se o deputado, o plenipotenciario, o *dandy*, o titular não houvesse desferido alguns sons accordes na lyra camoneana dos sonetos, ou cavado, no veiro da inspiração, o ouro de alguns madrigaes".

A vida desse vulto extraordinario elle a estudou com paciencia e minucia. Só assim se explica o apparecimento dessa obra majestosa e admiravel a que Phaelante deu o simples titulo de *Maciel Monteiro*.

Mestre aprimorado da phrase, formando um estylo quasi seu, elle fez dos periodos encerrados no brilhante estudo sobre Maciel Monteiro uma verdadeira obra d'arte, salientando as bellezas do lyrismo do poeta pernambucano, incontestavelmente um dos predecessores da escola hugoana no Brazil, e confessando a sua "sympathia intellectual pelas aptidões

polymorphicas de um artista que representou no mundo as qualidades primaciaes de sua raça: a intelligencia, o bom tom, os lances apaixonados e as maneiras cavalheirescas”.

Escriptor de alto vôo que é Phaelante da Camara, reuniu em livro duravel bellas produções esparsas, denominando-o *Orações Civicas e Litterarias*. Quem o lêr, certo experimentará delicias seguidas de momentos de vivo prazer intellectual na variedade das conferencias e dos discursos proferidos sobre assumptos differentes, no periodo de vinte annos. Ha muito a respigar, sem duvida, na parte litteraria que elles encerram.

No prefacio dessas famosas *Orações Civicas e Litterarias* encontram-se palavras de Taine com referencia a Paul de Saint Victor e applicadas, aqui, pela critica competente de Raul Azêdo a Phaelante da Camara, para quem parece terem sido escriptas: “As palavras, os giros de phrase e todos os thesouros da linguagem estão sob sua mão; não somente elle eguala os mais habeis mestres na arte de descrever as formas exteriores das coisas, mas a alma interior dellas lhe é tão visivel como ao romancista e ao psychologo que fazem profissão de destrinçar e notar os matises dos sentimentos. Por um encontro ainda mais raro elle tem a faculdade de abarcar os conjunctos, de apanhar, exactamente, os caracteres geraes das epochas, de sentir e de exprimir as differenças profundas das raças e dos seculos; é sem esforço e sempre que vê grande e por massas. Nenhum outro seria mais apto para fazer, depois de uma colheita de estudos, um livro pro-

porcionado e completo; e ha dois ou tres livros que nenhum outro poderia fazer tão bem”.

Já se vê que Phaelante da Camara, com esse espirito vigoroso e forte, affeito ás luctas escabrosas da carreira publica onde nunca experimentou desalento, representou no seu tempo um saliente papel no movimento intellectual, litterario e pedagogico de Pernambuco, cultuando ao mesmo tempo a justiça e o direito, a moral e a verdade. Ninguem ha que, proclamando o merecimento do criminalista seguro em seus principios, de escriptor firme em suas idéas e pensamentos e do professor profundo e correcto em seus conceitos, possa esquecer o litterato em suas concepções, em seus sonhos e nos vôos de sua imaginação.

Nas decantadas *Orações Civicas e Litterarias*, na conferencia sobre a Faculdade do Recife, como centro de cultura e cohesão nacional, Phaelante da Camara, seguindo quasi nos traços geraes a mesma orientação litteraria de Sylvio Roméro e José Verissimo, fez um estudo synthetico da litteratura nacional, nos moldes dos ensinamentos de Edmond Scherer, a começar pela *Prosopopéa* do poeta pernambucano Bento Teixeira Pinto, chronologicamente o primeiro litterato brasileiro, antes do qual o insigne auctor da *Historia da Litteratura Brasileira* aponta, na segunda metade do seculo XVI, o Padre José de Anchieta como o mais antigo vulto de nossa historia intellectual, apesar de o não considerar, propriamente, pelo lado litterario, um escriptor, em sentido contrario a Mello Moraes Filho, que reputa o Je-

suita Canarim o genuino creador da poesia e da litteratura nacionaes.

A despeito de Phelante da Camara entender que em todo correr do seculo XVI se não encontra nas lettras brazileiras coisa alguma que revele a feição nacionalista, a menos que se deseje dar tamanha distincção ás chronicas descriptivas da natureza e do indigena; a despeito de pensar que a *Prosopopéa*, de Bento Teixeira Pinto, não é, absolutamente, a expressão e o órgão do espirito da nacionalidade que se vae formar, a verdade é que aquelle seculo foi, como diz Sylvio Roméro, o momento da iniciação e da esperança, da mesma forma que no seculo XVII, que representou no Brazil o momento critico e a phase do perigo, o movimento litterario pertence á Bahia, a florecente capital da colonia, não deixando de ter a memoravel victoria de Pernambuco contra os hollandezes influido na litteratura pelo despertar da consciencia nacional.

Certamente todo o movimento litterario do Brazil, no seculo XVII, na opinião de Sylvio Roméro, deve girar em torno do nome de Gregorio de Mattos Guerra, que Phaelante da Camara, em discordancia, considera, apenas, o representante da poesia portugueza contemporanea no pensamento e na forma do seu estro. Por isso o incomparavel critico sergipano affirmou com a sua proclamada auctoridade que, se a alguém, no Brazil, se pudesse conferir o titulo de fundador de nossa litteratura, esse deveria ser Gregorio de Mattos Guerra, a quem chamou o Bocage do seculo XVII.

De elevado alcance social no velho e novo

mundo, o outro seculo, que é o XVIII, foi, especialmente, para o continente americano a preparação das colonias para a libertação, a epoca da independencia dos Estados Unidos e a phase historica de grande importancia no Brazil com os episodios dos *Emboabas* e dos *Mascates*, com o apparecimento de historiadores, chronistas, pregadores, estadistas e poetas, com a formação de academias litterarias, como a dos *Esquecidos*, a dos *Felizes*, do Rio, a dos *Selectos*, a dos *Renascidos* e a *Arcadia Ultramarina*, dissolvida despoticamente pelo conde de Rezende, no ultimo decennio do seculo.

Não foi sem fundamento que José Verissimo o qualificou de seculo da critica e Sylvio Romero encontrou nelle os melhores poetas formadores da celebre *escola mineira*, de mais significação do que a escola bahiana do seculo XVII.

No seu estylo correcto e imaginoso Phaelante da Camara assim se expressou: "No seculo XVIII, a cultura que, obrigada a fugir de Pernambuco, havia pedido hospedagem á Bahia, durante o dominio hollandez, se remove a principio para o Rio de Janeiro, no sequito do vice-rei e depois floresce nas fabulosas terras de Minas Geraes, onde o veio de ouro da imaginação de seus poetas haveria de offuscar o veeiro das jazidas opulentas.

Ali teve a sua grande projecção a *Arcadia Ultramarina* a que pertenceram Bazilio da Gama, Santa Rita Durão, Silva Alvarenga, Claudio Manoel da Costa, Thomaz Gonzaga e Alvarenga Peixoto; ali viveu pela primeira vez

no Brazil uma familia espiritual sob o mesmo ambiente, ainda mesmo que a *Arcadia* só houvesse existido na imaginação dos seus poetas”.

Acontecimento de grande significação foi de certo a fundação de academias litterarias, no seculo XVIII. Numa patriotica synthese historica em que se referiu ás gloriosas tradições pernambucanas, á guerra hollandeza, ao espirito da patria, em suas varias nuances locais, com Manoel Beckman, no Maranhão, com os Olindenses, no movimento de 1710 de Bernardo Vieira de Mello, com os inconfidentes mineiros nas suas vagas aspirações, Phaelante da Camara, depois de affirmar que a revolução de 1817 foi o primeiro movimento nacional que se não perdeu na teia dos sonhos, allude á impossibilidade da descoberta do fio ininterrupto que ligasse os ideaes da colonia, os propulsores psicologicos da independencia; trata da resistencia do General Madeira, na Bahia, das ultimas reluctancias do General de Souza Macedo, em Montevideo e da lei dos cursos juridicos, promulgada a 11 de Agosto de 1827, na mesma epoca do primeiro revéz soffrido pelas armas do Brazil, nos campos de Ituzaingo e defronte da ilha de Martin Garcia.

Em que pese aos discordantes de seu ponto de vista historico, Phaelante da Camara occupou-se com exactidão dos primeiros albores da escola de Olinda, da influencia dos primeiros laureados pelas academias nacionaes na modificação da politica do paiz, das crises nacionaes da Regencia e dos primeiros tempos da Maioridade, da phase puramente litteraria, cujos traços nacionalistas se imprimiram ás

nossas letras, do romantismo vencedor no velho mundo, dando folego ao movimento nas duas jovens academias, da phase Hugoana ou condoreira, sob os auspícios de Tobias Barretto e Castro Alves, do periodo aureo do amplo criticismo academico, iniciado por Celso de Magalhães e Sylvio Roméro, dos tempos de Tobias Barretto no corpo docente da Faculdade de Direito e dos quatro decennios ultimos do Recife, como maior centro da cultura nacional, graças á escola de Direito. Em sua *Memoria Historica*, esculpida em bronze pelo fulgurante calamo na phrase expressiva de França Pereira, está descripta a supremacia da gloriosa Faculdade de Direito na vida intellectual do paiz.

Diz Sylvio Roméro, em sua *Historia da Litteratura Brasileira*, que Pernambuco passou por um momento de grande iniciativa nos decennios de 1863 a 1883. Em contrario á auctoridade do egregio mestre que pontifica em materia critico-philosophica, penso que aquella iniciativa ainda não soffreu solução de continuidade até aos nossos dias deante de factos que respondem, eloquentemente, com a fecunda contribuição de nossos estadistas, poetas, juristas, scientistas, esthetas, oradores, jornalistas, pensadores e publicistas que enriquecem a litteratura brazileira.

Ahi estão, entre outros, a partir do general Abreu e Lima, Fr. Caneca, Natividade Saldanha, Vigario Barretto, Maciel Monteiro, Aprigio Guimarães, Joaquim Nabuco, etc., as figuras de Tobias Barretto, José Hygino, Victoriano Palhares, Francisco Cismontano, Oliveira Lima, Carneiro Vilella, Barbosa Vianna,

Regueira Costa, Affonso Olindense, Altino de Araujo, Henrique Capitolino, Laurindo, Leão, Arthur Orlando, Pepes de Vasconcellos, Martins Junior, Annibal Falcão, Phaelante da Camara, Raul Azedo, Adelino Filho, João Freitas, Alfredo Falcão, Carlos Porto Carreiro, João de Souza Bandeira, Alcedo Marrocos, Landelino Camara, Thomé Gibson, Gervasio Fioravanti, Theotônio Freire, Samuel Martins, Leovigildo Samuel, Bianor de Medeiros, Sebastião Galvão, Faria Neves Sobrinho, Balthazar Pereira, Gonçalves Maia, Manoel Caetano, Arthur de Albuquerque, Annibal Freire, Alfredo de Carvalho e outros, aparecendo mais tarde e em diferentes épocas do scenario pernambucano valentes gerações litterarias com outros ideaes e tendencias intellectuaes sob a orientação de novos espiritos como o Bispo Pereira Alves, França Pereira, Pedro Celso, Julio Pires, Manoel Arão, Virgilio de Sá Pereira, José de Barros Lima (Bruno Latona), Arthur Muniz, Miguel Barros, Demosthenes de Olinda, Alfredo Gama, Octavio de Freitas, Joaquim Amazonas, Alfredo Castro, Paulo de Arruda, Celso Vieira, Lessa Junior, Augusto Cavalcanti de Mello Filho, Ernesto de Paula Santos, Odilon Nestor, João Gonçalves (Gregorio Junior), Argemiro Aroxa, Miguel Magalhães, Uriel de Hollanda, Mario Mello, Gonçalves Lima, Carlos Lyra Filho, Rangel Moreira, Layette Lemos, Mendes Martins, Olympio Galvão, Moreira Cardoso, Luiz Estevão, Zeferino Galvão, Ademar Tavares, Silveira Carvalho, Manoel Monteiro, Mario

Rodrigues, Oswaldo Machado, Pinto de Abreu, Trajano Chacon, Barretto Campello, Costa Rego Junior, Luiz Cedro, João Barretto, José dos Anjos, José Campello, Osear Brandão, Eustaquio Gomes, Sizenando Silveira, Mario Linhares, Andrade Bezerra, Edwiges de Sá Pereira, Araujo Filho, Silva Lobato, Aggripino da Silva, Raul Monteiro, Cruz Filho, Lucillo Varejão, Conego José do Carmo Baratta, Mario Sette, Humberto Carneiro, Gilberto Freyre, Jader de Andrade, Esmaragdo de Freitas, Esdras Farias, Raul Machado, Annibal Fernandes, Renato de Alencar, Frederico Codeceira, Rodovalho Neves, Austro Costa, Alves Barbosa, Eustorgio Wanderley, Ribeiro do Couto, Antonio Fasanaro, Mariano Lemos, Armando Gayoso, Lins e Silva, Franklin Seve, Conego Alfredo Pedrosa, Leonidas do Amaral, Oliveira e Silva, Barbosa Linaa Sobrinho, Mucio Leão, Samuel Campello, Sergio Lorêto Filho, Leovigildo Junior, Vital Sobrinho, Paulino de Andrade, Anizio Galvão, Maviael do Prado, Osorio Borba, Alfredo Mauricéa Filho, Chagas Ribeiro, José Cordeiro, Santos Leite, José de Sá, Oscar Pereira, Aprigio de Faria, Philemon de Albuquerque, Caio Pereira, Eladio Ramos, J. A. Correia de Araujo, Joaquim Falcão, Horacio Saldanha, Moraes Coutinho, Joaquim Inojosa, Mario Porto, José de Góes Filho, Raymundo Diniz, Climaco de Mello Filho, Debora Monteiro, Oscar Mendes, Letacio Jansen, Luiz Marinho, Heribaldo Vieira, Luiz Delgado, Nathanael Marinho, Emilio Pires, Oswaldo Trigueiro,

Luiz Cascudo, Manoel Lucena e outros de real valor no curso juridico do Recife.

Srs. Academicos: Phaelante da Camara, que tinha uma organização inclinada aos labores da sciencia e ás luctas dos partidos pelo ideal de patria, esculpiu os seus livros com amôr e carinho e soube viver unido por mutua estima com os seus antagonistas em pontos opostos e extremos da esphera intellectual á semelhança de Schiller e Goethe, o celebre romancista escossez e o mavioso cantor de Child Harold, cujas relações reciprocas sempre foram cheias de admiração e affecto no mesmo grau de intensidade da de Walter Scott e Byron.

Em todas as suas manifestações intellectuaes refulgem esses relampagos do talento e Phaelante da Camara, esvoaçando pelas regiões alcantiladas da arte e da sciencia, imprimiu nos seus livros, sem crepusculo em seu percurso litterario, uma feição mais ideal e uma grandeza mais pura.

Estudado á distancia do seu tempo que é de hontem, Phaelante da Camara, a quem eu vim succeder, mas não substituir, realça como um brilhante espirito, para se perpetuar nas columnas de bronze da historia e encher de justissimo orgulho o nosso glorioso Pernambuco. (1)

NETTO CAMPELLO.

(1) Discurso pronunciado na Academia Pernambucana de Lettras, no dia 26 de Novembro de 1924.